

# “A Saúde pela Pátria”: um apelo que vem do céu!

Heloísa Helena Pimenta Rocha<sup>1</sup>

## Corpos em Exibição

Dia 7 de outubro de 1928. No céu da capital paulista surgem naquela manhã de domingo aeroplanos da Força Pública, em surpreendentes evoluções. Do que se tratava? Seria o início de um bombardeio aéreo? Os primeiros indícios de um conflito mundial? Um show de acrobacias aéreas? A exibição de algum novo invento da aviação? Ou um evento alusivo à Exposição Internacional de Aviação, que se inauguraria em Berlim, dali a dois dias? Felizmente, não se tratava de nenhuma catástrofe iminente. Era a véspera do Dia da Saúde e os vôos rasantes dos aeroplanos, que passavam, em alguns momentos, a menos de 30 metros do solo, não se articulavam a nenhuma estratégia bélica e, tampouco, à divulgação das conquistas da aviação (O ESTADO DE S. PAULO, 9/10/1928). Suas apresentações, naquela manhã, eram parte dos preparativos para o Dia da Saúde, com que se iniciaria, no dia seguinte, a Semana de Educação. Sobrevoando o centro da cidade, os aeroplanos faziam chover sobre a população folhetos com mensagens sobre os cuidados com a saúde, especialmente dirigidos às crianças, às mulheres e aos cidadãos brasileiros.

Uma multidão concentrava-se, desde as primeiras horas da manhã, ao longo da avenida Paulista esperando ansiosamente a grande demonstração de cultura física, amplamente divulgada por folhetos, pelos jornais e pela Rádio Educadora Paulista, durante toda a semana. Fazendo a cobertura do evento e assinalando a sua importância para o engrandecimento da nação, o Correio Paulistano noticiava, em sua edição de 9 de outubro:

*“...desde cedo, a população paulista, despertada por tão festiva notícia, começou a affluir ao local da parada (...)*

*Antes do inicio da parada, a avenida Carlos de Campos [avenida Paulista] apresentava um aspecto imponente. Milhares e milhares de pessoas postavam-se ao longo da avenida. Em diversos pontos, bandas de musica contribuía para alegrar a grande massa popular que ia presenciar, pela primeira vez, a uma festa de beleza e de civismo... (CORREIO PAULISTANO, 9/10/1928).*

Em frente ao Trianon, a tribuna oficial reunia as altas autoridades, dentre elas o presidente do Estado, o prefeito da cidade, secretários do Interior e da Justiça, o diretor geral da Instrução Pública, o diretor do Serviço Sanitário, o representante da Fundação Rockefeller no Brasil, direto-

res da Faculdade de Medicina e do Instituto de Higiene, a oficialidade do Exército e da Força Pública, várias famílias e numerosas pessoas convidadas para assistir ao espetáculo. Às 8 horas, a apresentação da banda de clarins da Força Pública dava início à parada que reunia “garbosos, alinhados, em ordem de marcha, nos seus lindos uniformes” os cavaleiros, amazonas e times de pólo da Sociedade Hípica Paulista, estudantes paulistanos, normalistas da capital e do interior, escoteiros, atletas, esportistas, bombeiros e militares (idem).

A parada de cultura física inseria-se no conjunto das atividades da I Semana de Educação, capitaneada pela Sociedade de Educação, atendendo às orientações da Associação Brasileira de Educação, e deveria ser o momento de “demonstração pública do nosso grau de cultura physica”, “demonstração eficiente de robustez” e, ao mesmo tempo, “do nosso grau de progresso”, afirmava o Correio Paulistano (idem). Como destaca Marta Carvalho, as semanas de educação, promovidas anualmente a partir de 1928, foram calcadas numa ótica predominantemente moralizadora, constituindo-se, na década de 1920, em eventos tanto ou mais valorizados pelo Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação que as Conferências Nacionais (CARVALHO, 1998).

Associados a outras práticas, tais eventos respondiam aos objetivos de manutenção da ordem e da rotina do trabalho, por meio da celebração de condutas ideais na escola, no lar e no trabalho (ibidem). Segundo as atas das sessões do Conselho Diretor, a I Semana de Educação tinha como objetivo “chamar a atenção de todos para a necessidade da educação e para o dever imperioso que temos de colaborar nessa obra primacial do progresso da Pátria. Essa comemoração deve ter por escopo tornar mais profunda a compreensão, por parte do povo, do papel da educação na vida de uma democracia, guiando a infância para um ideal de perfeição física, moral e intelectual”. (apud CARVALHO, 1998, p.2)

Muitos foram os esforços para garantir o sucesso da iniciativa. Mudanças nas rotas dos bondes; transporte gratuito dos escolares pela *Light and Power*; concessão de um vagão especial da Companhia Paulista para o transporte das normalistas de São Carlos; disponibilização dos médicos e da ambulância da Inspeção Médica Escolar para

<sup>1</sup>Doutora em História da Educação e Historiografia pela Universidade de São Paulo, Docente na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas e Membro do comitê gestor do Centro de Memória da Educação/UNICAMP. Contato: heloisah@unicamp.br

prestar socorro aos escolares; montagem de dois postos da Cruz Vermelha; fornecimento de leite pelas usinas Vigor, União dos Vaqueiros e Paulista para distribuição do copo de leite aos escoteiros e escolares, antes e depois do desfile; além da colocação de pipas para distribuição de água potável aos participantes da parada.

“A saúde pela pátria”; “A força pela saúde” – esses eram os lemas inscritos nas flâmulas desfaldadas pelos escoteiros das escolas e associações paulistanas. Lemas que se esperava ver inscritos nos corpos dos escolares, esportistas e militares, postos em exibição naquele grandioso desfile. Distintamente do tom entusiástico da cobertura jornalística do Correio Paulistano, as matérias do jornal O Estado de S. Paulo, entretanto, viram com reserva o espetáculo dos corpos infantis, insuficientemente eloqüente na demonstração de saúde e vigor que se pretendia oferecer. Na avaliação desse matutino, o desfile não se configurou numa demonstração cabal do vigor da infância paulista, pondo em cena, pelo contrário, a debilidade dos corpos infantis. Em que pesem essas considerações, o desfile não deixava de ter importância, na medida em que servia para alertar acerca da necessidade de uma grande mobilização que tornasse a saúde questão inadiável. Segundo os comentários do jornal:

*“A parada, em seu conjunto, foi de grande efeito. Bem organizada, se é verdade que, espetáculo inédito, chegou a entusiasmar o público que, nos passeios, se comprimia para apreciar-a, também não é menos certo que, como demonstração do nosso grau de cultura física e da saúde de nossa gente, constituiu uma prova palpável do nosso atraso nessa matéria. Excepção feita dos elementos que figuraram nos diversos grupos esportivos, militares ou civis, pequena era a porcentagem de gente de aspecto saudável. Principalmente as crianças, poucas apresentavam as boas cores ou a simples robustez que denota a saúde, a energia, a vida.*

*A virtude da demonstração, porém, foi a de convencer que, em prol da saúde, a campanha carece de ser intensa”* (O ESTADO DE S. PAULO, 9/10/1928).

Um amplo conjunto de atividades, desenvolvidas em diferentes pontos da cidade de São Paulo e em várias cidades do interior do Estado, marcou a programação do dia dedicado à saúde na I Semana de Educação, programação essa organizada pela educadora sanitária chefe da Inspeção de Educação Sanitária e Centros de Saúde<sup>2</sup>, Maria Antonietta de Castro. À chuva de impressos sobre a multidão, que se comprimia na avenida Paulista para assistir ao desfile, seguiram-se, no dia 8 de outubro, conferências de renomados médicos paulistas em instituições como a Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito e Escola Politécnica; palestras de médicos nas escolas se-

cundárias; palestras de educadores sanitários e professores em estágio, em várias escolas primárias da capital e do interior, sobre o tema “O papel do Educador na Saúde da Criança”; inauguração do posto de higiene infantil do Butantã e da cozinha de demonstração e dietética do centro de saúde do Brás; demonstração prática de puericultura na Escola de Mãezinhas, acompanhada de distribuição de enxovais às gestantes pobres matriculadas nos centros de saúde; conferência de abertura de um curso de higiene para diretores e professores das escolas primárias e secundárias.

As atividades não pararam aí. A Inspeção de Educação Sanitária enviou a cada escolar a Mensagem de Saúde e incluiu na programação da Rádio Educadora Paulista a leitura, pela educadora sanitária chefe, das mensagens às mães e às crianças, impressas nos folhetos distribuídos pelos aeroplanos. Como ponto alto da programação, o encerramento coube ao eminente médico carioca, presidente da Academia Nacional de Medicina, Dr. Miguel Couto, que proferiu a conferência “A Educação e a Saúde”, abordando o papel da saúde no desenvolvimento da raça e no progresso do país.

Não se pretende, nos limites deste artigo, examinar o conjunto de atividades que compuseram o Dia da Saúde. Interessa-nos um recorte mais específico, que possibilite interrogar acerca das representações sobre a criança e a mulher, no âmbito da atuação da educadora sanitária Maria Antonietta de Castro, na chefia da Inspeção de Educação Sanitária e Centros de Saúde, e postas em circulação por diferentes dispositivos, dentre os quais o impresso e o rádio (ROCHA, 2005). Para tanto, examinaremos as mensagens contidas nos folhetos lançados pelos aeroplanos da Força Pública, que sobrevoaram São Paulo naquela manhã de domingo. Mensagens essas elaboradas pela educadora sanitária chefe e que procuraram atingir a população pelas mais diferentes vias, sendo distribuídas, no dia seguinte, nas escolas, centros de saúde, Escola de Mãezinhas e transmitidas à noite pelo rádio. Este artigo se move, assim, no campo das estratégias acionadas pelo poder com vistas a conformar o cotidiano de mulheres e crianças pobres de uma cidade que crescia em ritmo acelerado e de forma desordenada, a uma nova racionalidade.

### **Às Mulheres e Crianças**

Tornar a criança brasileira “forte de corpo e de espírito” era a tarefa que recaía sobre as mulheres, em cujas mãos se depositava a responsabilidade pelo “revigorecimento da “nossa raça para a grandeza e prosperidade da nação” (CASTRO, 1928, p.96), afirmava Maria Antonietta na mensagem impressa em folhetos e transmitida pela Rádio Educadora Paulista, no dia 8 de outubro de 1928. Falando às mães e futuras mães, procurava expressar o primeiro pensamento de que são tomadas as crianças ao nascer:

*“Mãe!*

*Acabo de nascer para a Vida.*

*Tu é que m’á deste!*

<sup>2</sup>A Inspeção de Educação Sanitária e Centros de Saúde foi criada pela reforma sanitária de 1925, conhecida como Reforma Paula Souza, como dependência da Diretoria Geral do Serviço Sanitário, para “promover a consciência sanitária da população”, sendo Maria Antonietta de Castro, aluna da primeira turma do curso de educadores sanitários, nomeada em 1927 como educadora sanitária chefe. Investida no cargo, Maria Antonietta responsabilizou-se pela implementação e direção das atividades desse corpo profissional nos três centros de saúde da capital paulista e nas escolas primárias (ROCHA, 2003).

*Sou a carne da tua carne, o sangue do teu sangue.  
Sou a continuação, o aperfeiçoamento o complemento  
do teu ser.*

*Que serei na vida?*

*Um homem de bem ou um scelerado, um douto ou um  
imbecil, um forte ou um fraco.*

*Sou um papel em branco... traçarás nelle a linha do  
meu destino.*

*Serei o que quizeres que eu seja.*

*Faze-me bom, guia meu espirito, fortalece o meu cor-  
po!*

*Deste-me o Direito de viver. Tens, portanto, o Dever de  
conservar o meu ser integro, em toda a plenitude de sua in-  
teireza physica e moral, para o bem dos meus semelhantes  
e para honrar e servir a minha Patria!..." (ibidem).*

Papel em branco, virgem de qualquer mácula, isenta de qualquer inscrição, a criança fala com a mãe e, nesse diálogo, não deixa dúvidas sobre a sua responsabilidade pelo destino feliz ou infeliz que lhe aguarda. "Homem de bem ou celerado", "douto ou imbecil", "forte ou fraco", antíteses que representam os resultados dos acertos ou desacertos na educação das crianças, ao mesmo tempo em que contribuem para expressar a dimensão do papel atribuído à mulher-mãe, guia da infância, responsável pela sua formação não apenas física, mas também moral.

Continuação, complemento, mas, ao mesmo tempo, aperfeiçoamento da mãe, a criança, se pudesse se expressar, lembraria àquela que lhe deu à luz, do seu dever de conservar-lhe a integridade, guiando-lhe o espírito e fortalecendo-lhe o corpo. Se à mãe cabia a possibilidade de fazer da criança a expressão dos seus desejos, a mensagem que a educadora sanitária lhe dedicava procurava orientá-la para que seus desejos não se desviassem, ensinando-a a fazer da educação da criança uma obra a serviço da pátria. Às mulheres pobres, alvo prioritário das mensagens especialmente elaboradas para o Dia da Saúde, incluindo-se aí tanto as que freqüentavam os centros de saúde, a Escola de Mãezinhas, quanto as que ouviram as palavras transmitidas pelo rádio, a educadora sanitária chefe procurou ensinar o que deviam desejar. Nas palavras da criança recém-nascida imaginadas por Maria Antonietta, as mulheres, mães ou futuras mães, são lembradas da sua responsabilidade em relação ao futuro da pátria, já que a elas cabia zelar pela saúde e educação das crianças.

A imagem do brasileiro forte e saudável, futuro defensor da pátria, constitui-se numa representação que também perpassa a mensagem dirigida à criança brasileira. Convocada a ser forte, lutar e vencer, a criança tem seu corpo identificado a uma parcela na grandeza futura da nação, articulando-se o corpo infantil e o corpo da pátria na constituição de uma representação que projeta, no futuro, a possibilidade de regeneração física, intelectual e moral da infância e de redenção da pátria.

*"Criança!*

*Trabalhar, para ser forte, é ser bom brasileiro, é ser  
patriota!*

*Criança! Cumpre teu dever de brasileiro!*

*Sê forte!*

*A força do teu corpo é uma parcella sobre a qual re-  
pousa a grandeza futura da Patria!*

*Só os fortes lutam, só os fortes vencem!*

*Sê um delles! (Idem, p. 94).*

Atravessada pelo culto ao símbolo da bandeira brasileira, a mensagem conclama as crianças ao amor e devoção à pátria, traduzidos na responsabilidade que lhes cabia de zelar pela própria saúde:

*"E com os olhos postos na Bandeira o querido symbolo  
da Pátria, faze ecoar, através dos campos, das serranias  
e das mattas, diluído em sons como clarins a vibrar, teus  
votos de amor pela Terra que te serviu de berço, amor sa-  
crosanto que só os corações fortes, generosos e bons sa-  
bem conter.*

*E uma oração, sagrada promessa, exsurja á Bandeira  
desfraldada qual pallio protector sobre tua cabeça.*

*'Bandeira querida! Que jamais tremules sobre fracos,  
tíbios e covardes.*

*Que o carinho do teu abraço que une o norte e o sul,  
este a oeste, do meu Brasil, possa estreitar brasileiros for-  
tes, sadios, capazes de empunhar-te garbosos na paz, de-  
fender-te valorosos na guerra e conduzir-te orgulhosos e  
triumphantes pela senda da Victoria.*

*Ave! Bandeira" (ibidem).*

A força comparece como palavra de ordem, virtude que deveria guiar a criança, representada enquanto promessa futura, nos cuidados com o corpo, tanto quanto no amor à sua pátria. Aos frágeis corpos exibidos na parada de cultura física, o discurso da educadora sanitária opõe a força que resultaria do cumprimento dos sãos princípios da higiene. Na paz ou na guerra, era a força que deveria sedimentar os sentimentos de amor e carinho que impulsionariam os gestos capazes de garantir a união do Brasil. Os riscos de separação, as oposições e contestações parecem se aplainar sob o manto sacrossanto da bandeira, símbolo que unifica e silencia as vozes discordantes, reunindo a todos como brasileiros "garbosos na paz e valorosos na guerra".

Nas mensagens à população feminina e às crianças, que caíram como chuva sobre as cabeças dos moradores da capital ou que adentraram seus lares por meio dos impressos ou do rádio, no Dia da Saúde, podemos ter acesso a algumas das estratégias da Inspeção de Educação Sanitária e Centros de Saúde, no sentido de fazer chegar à população a mensagem da higiene e da puericultura, como também a algumas das representações produzidas em relação aos sujeitos da educação sanitária. No centro da cruzada de regeneração da raça a que se lançaram as educadoras sanitárias, vemos surgir a figura da mulher identificada à maternidade, a mulher-mãe, anjo ou demônio, salvação ou condenação da raça. Lado a lado com as imagens da mulher, as representações de uma infância frágil, indefesa e moldável depositada em suas mãos.

Podemos nos perguntar de que modo as mensagens

postas em circulação por esses diferentes meios foram lidas ou ouvidas pelas mulheres e crianças às quais se destinavam, que crédito foi a elas concedido e que impactos produziram nas formas de viver da população. O exame da cobertura jornalística do Dia da Saúde e o relatório reproduzido na Revista de Educação talvez possam oferecer pistas para ler, pelo avesso, as resistências das mulheres pobres aos novos padrões de cuidado com a infância que se buscava impor. Os aeroplanos, os impressos, o rádio, as palestras, as demonstrações de cultura física, de práticas de alimentação e de puericultura encenadas nesse evento fazem parte de uma ampla estratégia de conversão da população à “religião da higiene” que, lançando mão dos mais modernos meios, procura atingir a população pobre, das mais diferentes formas, não se furtando a adentrar os seus lares. Pondo em cena os novos apóstolos da educação, da saúde e da moral, esse evento é exemplar das dimensões assumidas por essa estratégia de moralização da população, que pode ser traduzida enquanto metáfora da ordem.

#### **Fontes Primárias:**

CASTRO, M.A. Dia da Saúde. Relatório Geral da Semana de Educação. **Educação**, nº 2 e 3, 1928.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 1º a 14/10/1928.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 1º a 14/10/1928.

#### **Referências Bibliográficas:**

CARVALHO, M.M.C. **Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista, SP: EDUSEF, 1998.

ROCHA, H.H.P. **A Higienização dos Costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925)**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

ROCHA, H.H.P. A educação sanitária como profissão feminina. **Cadernos Pagu**, nº 24, 2005. p. 69-104.